



MALCOLM

Organização: George Breitman

Tradução e notas: Marilene Felinto

FALA



II APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Preta Ferreira

13 PREFÁCIO

George Breitman

DISCURSOS

21 Mensagem às bases

39 Uma declaração de independência

44 O voto ou a bala

71 A Revolução Negra

CARTAS DO EXTERIOR

90 Arábia Saudita, abril de 1964

92 Nigéria, maio de 1964

93 Gana, maio de 1964

APÓS A PRIMEIRA VIAGEM À ÁFRICA

99 O medo da “gangue do ódio” do Harlem

108 Apelo aos chefes de Estado africanos

126 No Salão Audubon

146 Com a senhora Fannie Lou Hamer

158 No Audubon

183 Para a juventude do Mississippi

193 Perspectivas de liberdade em 1965

204 Depois do atentado a bomba

227 Confronto com um “especialista”

ÚLTIMAS FALAS E ENTREVISTAS

247 Um vigarista?

247 Não tem medo de investigação

248 Sobre o racismo

250 Casamento inter-racial e um Estado negro

251 O homem que você pensa que é

251 Como organizar as pessoas

252 Dolarismo e capitalismo

253 O delegado de polícia

254 Nota pública para Rockwell

255 Sobre política

258 Donos de favelas e antissemitismo

261 Militantes brancos e negros

263 Conselho a um intrometido não violento

266 Sobre voltar para a África

268 Sobre o nacionalismo negro

270 O embaixador americano

271 O embaixador chinês vermelho

273 Natureza do confronto mundial vindouro

274 Relacionando o problema

276 Moïse Tshombe e Jesse James

276 Dois minutos sobre o Vietnã

277 O Congo, Cuba e a lei

278 O papel dos jovens

280 Trabalhando com outros grupos

282 Ações dignas de apoio

283 A escola John Brown

284 Sua própria boca, sua própria mente

287 **ÍNDICE DE NOMES**

297 **LISTA DE SIGLAS**

301 **SOBRE O AUTOR**

APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Malcolm não viveu a democracia com que tanto sonhou. Não lhe deram tempo nem chance de conhecê-la.

Recebeu violência. Somente violência. Viveu em seu próprio corpo a violência física e mental imposta aos corpos pretos. Usou a revolta como ferramenta, mecanismo de defesa e de ação para se manter vivo.

Malcolm escolheu não se render a nenhum sistema opressor. Ele era seu próprio líder. Não aceitou as imposições do homem branco. Questionou e combateu, pois sabia que a realidade dada não era a única opção. Queria que todos enxergassem a sutileza do racismo. Revolucionário, não se importava em ser chamado de homem preto raivoso, em ser reduzido à figura de incitador de violência contra brancos. Sua revolta vinha de antes. Ele sabia que pessoas pretas revolucionárias sempre seriam taxadas de perigo para a sociedade.

Inquieto e questionador, para Malcolm a teoria não bastava: acreditava que a mudança só nasceria da luta e da revolução. Seus estudos serviam para fortalecer suas concepções e reformular seus pensamentos e posicionamentos políticos. Queria viver o pensamento de que o povo preto pode fazer sua própria vida, queria tirar o poder das mãos do povo branco para que os negros assegurassem seu próprio espaço, mesmo que para isso fosse preciso usar a violência. Ele não aceitaria ser o negro da Casa Branca. Malcolm lutava pela libertação total do povo preto.

Vilão não é quem luta por liberdade, e sim quem oprime e tira a liberdade de outro indivíduo. Sendo assim, demônios brancos eram somente os praticantes do mal. Racismo. Tinha pensamentos complexos, flexíveis e elaborados. Pensava em usar para se defender a mesma violência que os racistas usam para oprimir o povo preto. Para

ele, a violência só deixaria de existir quando fosse partilhada. Isto é, os brancos só deixarão de usar a violência contra os pretos após conhecerem a mesma violência, até hoje imposta somente ao corpo preto.

Assassinado covardemente pela violência que tanto o perseguiu, foi silenciado pelo medo daqueles que a empregavam para se manterem no poder. Por aqueles que o consideravam um grande perigo.

O messias negro, liderando a revolução. Violência radical e revolucionária.

PRETA FERREIRA (Janice Ferreira Silva) nasceu em 1984, na Bahia. Ativista, escritora, cantora e atriz, mudou-se para São Paulo aos catorze anos, época em que começou a militar pelo Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), liderando depois, com seu irmão e sua mãe, a Frente de Luta por Moradia (FLM). É autora de *Minha carne: Diário de uma prisão* (Boitempo, 2021). Em 2019, recebeu o Prêmio Dandara, da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

PREFÁCIO

Malcolm Little nasceu em Omaha, Nebraska, em 19 de maio de 1925. Abandonou a escola aos 15 anos, foi condenado por roubo e preso aos 21. Na prisão, converteu-se à Nação do Islã (Muçulmanos Negros). Ao sair, em 1952, dedicou-se à formação dos Muçulmanos Negros e adotou o nome Malcolm X. Retirou-se desse movimento em março de 1964. Depois, dedicou-se a organizar primeiro a instituição Associação da Mesquita Muçulmana e, mais tarde, a Organização da Unidade Afro-Americana, instituição não religiosa. Viajou duas vezes à África e ao Oriente Médio em 1964. Três meses após retornar aos Estados Unidos, foi assassinado em Nova York, em 21 de fevereiro de 1965. Em *Autobiografia de Malcolm X*, ele próprio conta a história de sua vida.¹

Este livro é uma seleção de discursos de Malcolm X. Todos foram feitos durante seu último ano de vida – exceto o primeiro, de pouco antes de ele sair do movimento dos Muçulmanos Negros. Excetuando-se esse, os discursos cobrem desde sua declaração de independência, em 12 de março de 1964, até sua morte. O livro apresenta apenas uma pequena parte dos discursos e das entrevistas que ele proferiu nesse período nos Estados Unidos, na África, no Oriente Médio e na Europa. Não tem o propósito de tratar do assassinato de Malcolm.

O objetivo é apresentar, nas palavras do próprio Malcolm X, as principais ideias que expressou e defendeu durante seu último ano de vida. Sentimos que esse objetivo é amplamente cumprido pelos discursos e outros materiais aqui incluídos, ainda que não tenhamos tido acesso a todos os seus discursos. Convictos de que Malcolm será objeto de muito estudo e muitas controvérsias nos próximos anos – tanto por

¹ *The Autobiography of Malcolm X: As Told to Alex Haley*. New York: Grove Press, 1964 [ed. bras.: *Autobiografia de Malcolm X: com a colaboração de Alex Haley*, trad. A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1992]. [N.T.]

ativistas da luta pela liberdade negra quanto por historiadores, acadêmicos e estudantes –, acreditamos que o presente livro servirá como valiosa fonte de material para estudos e debates e que corrigirá, pelo menos parcialmente, alguns equívocos sobre um dos homens mais mal compreendidos e mal representados de nosso tempo.

Malcolm era principalmente um orador, não um escritor. Os únicos trechos deste livro escritos por ele são seu memorando para a Organização da Unidade Africana, no Cairo, e algumas cartas. Os discursos impressos não transmitem de maneira adequada suas notáveis qualidades de orador, o efeito de suas falas no público e a interação entre ele e os espectadores. Teríamos preferido publicar uma série de discos apresentando esse material em sua própria voz, com seus tons de indignação e raiva, suas risadas e as interrupções de aplausos e risos da plateia. (Contamos quase 150 interrupções por parte do público na gravação de um único discurso, “O voto ou a bala”.) Visto que não temos recursos nem tempo para publicar e distribuir tais gravações, e como o custo limitaria o número de pessoas que poderiam adquirir esse material, estamos fazendo a segunda melhor coisa.²

Ao editar as falas, fizemos apenas as mudanças que qualquer orador faria ao preparar seus discursos para impressão, as que acreditamos que Malcolm teria, ele mesmo, feito. Ou seja, corrigimos deslizes de linguagem e pequenos lapsos gramaticais que são inevitáveis na maioria dos discursos feitos de improviso ou a partir de anotações curtas. Como buscamos evitar repetições, comuns a palestrantes que falam com tanta frequência quanto Malcolm falava, omitimos trechos repetidos ou parafraseados em outros discursos aqui incluídos.

As introduções explicativas que acompanham os discursos têm como objetivo principal indicar onde e quando foram proferidos, com um mínimo de comentários interpretativos ou editoriais. O leitor deve ter em mente, ao longo do livro, que as ideias de Malcolm estavam se

desenvolvendo com rapidez e que certas posições que ele assumiu nos primeiros dois meses após romper com os Muçulmanos Negros passariam por mais mudanças nos últimos meses de sua vida.

GEORGE BREITMAN nasceu em Nova Jersey em 1916. Foi um dos membros fundadores do Socialist Workers Party [Partido socialista dos trabalhadores] estadunidense e editor do periódico *The Militant* e da editora Pathfinder, onde foi responsável por editar e organizar este livro em 1965, ano da morte de Malcolm X. Faleceu em 1986 em Nova York.

² Hoje, é possível encontrar algumas dessas gravações em plataformas on-line de áudio e vídeo. Para facilitar a busca, o nome com o qual elas estão disponíveis foi inserido logo abaixo do título do capítulo. [N.E.]



DISCURSOS

Mensagem às bases

MESSAGE TO THE GRASS ROOTS [DETROIT, 10 NOV. 1963]

No final de 1963, o Conselho de Direitos Humanos de Detroit anunciou um evento da Conferência da Liderança Negra do Norte, a ser realizado em Detroit em 9 e 10 de novembro. Quando o presidente do conselho, o pastor C. L. Franklin, procurou excluir da conferência nacionalistas negros e defensores do partido Freedom Now [Liberdade já], o pastor Albert B. Cleage Jr. renunciou ao conselho e, em colaboração com o Grupo de Liderança Avançada, organizou a Conferência de Base da Liderança Negra do Norte. Essa reunião foi realizada em Detroit, ao mesmo tempo que a mais conservadora dirigida pelo deputado Adam Clayton Powell, entre outros. A reunião de dois dias da Conferência de Base culminou com um grande comício público na Igreja Batista Rei Salomão, tendo o pastor Cleage, o jornalista William Worthy e Malcolm X como principais oradores. O público, quase todo negro e não muçulmano em sua grande maioria, interrompia Malcolm com aplausos e risos com tanta frequência que ele propôs encerrar o evento por causa do adiantado da hora.

Algumas semanas após a conferência, o presidente Kennedy foi assassinado, e Elijah Muhammad impôs silêncio a Malcolm X. Este é, portanto, um dos últimos discursos que Malcolm fez antes de deixar a organização de Muhammad. É o único exemplar de seus discursos como Muçulmano Negro¹ incluído neste livro. Mas não é um discurso típico dos Muçulmanos Negros. Embora Malcolm continuasse, no período anterior à ruptura, a introduzir certas declarações suas com a frase “o honorável Elijah Muhammad diz”, ele estava cada vez mais imprimindo sua própria marca especial às ideias dos Muçulmanos Negros, incluindo a ideia de separação. A tônica desta fala é consideravelmente

¹ *Black Muslim*, nome pelo qual eram conhecidos os membros da Nação do Islã. [N.E.]

diferente das anteriores de mesmo tipo incluídas no livro de Louis E. Lomax, *When the Word Is Given...* [Quando a palavra é dada...].

A seleção a seguir consiste em cerca de metade do discurso. A gravação em LP *Message to the Grassroots, by Malcolm X*, publicada pela Afro-American Broadcasting and Recording Company [Companhia afro-americana de radiodifusão e gravação], de Detroit, é muito superior ao texto escrito no que se refere a reproduzir o melhor do estilo e da personalidade de Malcolm quando falava para um público negro militante.

Queremos apenas ter uma conversa informal aqui, entre você e eu, entre nós. Queremos falar com os pés no chão, em uma linguagem que todos aqui possam entender facilmente. Todos concordamos esta noite, todos os oradores concordam, que a América tem um problema muito sério. Não só a América tem um problema muito sério, mas também nosso povo tem um problema muito sério. O problema da América somos nós. Nós somos o problema dela. A única razão pela qual ela tem um problema é que ela não nos quer aqui. E cada vez que você olha para si mesmo, seja você preto, marrom, vermelho ou amarelo, um assim chamado “negro”, você representa uma pessoa que impõe esse problema tão sério à América, por você não ser desejado. Quando você encarar isso como um fato, aí então pode começar a traçar um rumo que vai te fazer parecer inteligente, em vez de estúpido.

O que nós precisamos fazer é aprender a esquecer nossas diferenças. Quando estamos juntos, não estamos juntos como batistas ou metodistas. Vocês não vão viver num inferno por serem batistas, não vão viver num inferno por serem metodistas. Vocês não vão viver num inferno por serem metodistas ou batistas, nem vão viver num inferno por serem democratas ou republicanos, nem vão viver num inferno por serem maçons ou *elks*;² e com certeza não vão viver num inferno por serem americanos; porque, se vo-

² *Elk* significa “alce”. Trata-se aqui de ser membro da ELK, Ordem Benevolente e Protetora dos Alces (Benevolent and Protective Order of

cês fossem americanos, vocês não viveriam num inferno. Vocês vivem num inferno por serem homens pretos. Vocês vivem num inferno, todos nós vivemos num inferno, pelo mesmo motivo.

Portanto, somos todos pretos, os chamados “negros”, cidadãos de segunda classe, ex-escravos. Você não é nada além de um ex-escravo. Você não gosta de que lhe digam isso. Mas o que mais você é? Vocês são ex-escravos. Você não chegou aqui no *Mayflower*.³ Você chegou aqui em um navio negreiro – acorrentado como um cavalo, uma vaca ou uma galinha. E você foi trazido para cá pelas pessoas que chegaram aqui no *Mayflower*, você foi trazido para cá pelos chamados “Peregrinos” ou “Pais Fundadores”. Foram eles que trouxeram você para cá.

Temos um inimigo em comum. Temos isto em comum: temos um opressor em comum, um explorador em comum e um discriminador em comum. Mas quando todos nós percebermos que temos um inimigo em comum, só então nós vamos nos unir – com base no que temos em comum. E o que temos em comum é, sobretudo, aquele inimigo – o homem branco. Ele é um inimigo para todos nós. Sei que alguns de vocês pensam que alguns deles não são inimigos. O tempo vai dizer.

Bandung,⁴ lá pelos idos de 1954, acho, foi o primeiro encontro de unidade das pessoas negras em séculos. E basta você estudar o que aconteceu na Conferência de Bandung, e os resultados da Conferência de Bandung, para ver como ela, na verdade, serve

(*elks*), associação fraternal estadunidense fundada em 1868, originalmente como um clube social na cidade de Nova York. [N.T.]

³ *Mayflower* é o nome do navio que, em 1620, transportou os primeiros peregrinos da Inglaterra para o Novo Mundo, a América, conhecidos como os peregrinos fundadores dos Estados Unidos. [N.T.]

⁴ A Conferência de Bandung, na Indonésia, ocorreu em 1955 e reuniu 29 países africanos e asiáticos para discutir propostas de cooperação e não agressão a fim de se fortalecerem durante o processo de descolonização. [N.T.]

de modelo para o procedimento que você e eu podemos adotar para resolver nossos problemas. Em Bandung, todas as nações se uniram, as nações escuras da África e da Ásia. Ali, alguns eram budistas, alguns eram muçulmanos, alguns eram cristãos, alguns eram confucionistas, alguns eram ateus. Apesar de suas diferenças religiosas, eles se uniram. Alguns eram comunistas, alguns eram socialistas, alguns eram capitalistas – e, apesar de suas diferenças econômicas e políticas, eles se uniram. Todos eram pretos, marrons, vermelhos ou amarelos.

Um único ser não teve permissão de comparecer à Conferência de Bandung: o homem branco. Ele não podia entrar. Depois de excluir o homem branco, os participantes descobriram que poderiam se unir. Uma vez que o mantiveram de fora, todos os outros logo compareceram, e compareceram em bloco. É isso o que você e eu temos que entender. E essas pessoas que se uniram não tinham armas nucleares, não tinham aviões a jato, não tinham todos os armamentos pesados que o homem branco tem. Mas elas tinham unidade.

Elas conseguiram enterrar suas pequenas diferenças mesquinhinhas e concordar em uma coisa: que ali um africano tinha vindo do Quênia e estava sendo colonizado pelos ingleses, e outro africano tinha vindo do Congo e estava sendo colonizado pelos belgas, e outro africano tinha vindo da Guiné e estava sendo colonizado pelos franceses, e outro tinha vindo de Angola e estava sendo colonizado pelos portugueses. Quando elas chegaram à Conferência de Bandung, olharam para o português, e para o francês, e para o inglês, e para o holandês, e descobriram ou perceberam a única coisa que todos tinham em comum – eles eram todos da Europa, eram todos europeus, loiros, de olhos azuis e pele branca. Elas começaram a identificar quem era o inimigo delas. O mesmo homem que estava colonizando nosso povo no Quênia estava colonizando nosso povo no Congo. O mesmo homem do Congo estava colonizando nosso povo na África do Sul, na Rodésia do Sul, na Birmânia, na Índia, no Afeganistão e no Paquistão. Concluíram que, em todo

o mundo, onde o homem escuro estava sendo oprimido, estava sendo oprimido pelo homem branco; onde o homem escuro estava sendo explorado, estava sendo explorado pelo homem branco. Então, se uniram com base nisto: tinham um inimigo em comum.

E quando você e eu, que despertamos hoje aqui em Detroit, em Michigan, na América, olhamos ao nosso redor, nós também percebemos que aqui na América temos um inimigo em comum, esteja ele na Geórgia ou em Michigan, esteja na Califórnia ou em Nova York. Ele é o mesmo homem – olhos azuis, cabelos loiros, pele pálida –, o mesmo homem. Então, o que temos que fazer é o que eles fizeram. Eles concordaram em parar de brigar entre si. Qualquer briguinha que tivessem resolveriam entre eles, manteriam em segredo – não deixemos o inimigo saber que temos desavenças.

Em vez de expor nossas diferenças em público, temos que compreender que somos todos a mesma família. E, quando você tem uma discórdia em família, você sabe que roupa suja se lava em casa. Se você sai para a rua brigando, todo mundo te chama de bruto, bronco, não civilizado, selvagem. Se a briga não começar em casa, você que a resolva dentro de casa; entre no armário, discuta a portas fechadas. E então, quando você sair para a rua, vai agir como alguém que faz parte de uma frente comum, uma frente unida. E é isso que precisamos fazer na comunidade, na cidade e no estado. Precisamos parar de expor nossas diferenças diante do homem branco, colocá-lo fora de nossas reuniões e, depois, sentar e negociar uns com os outros. Isso é o que temos que fazer.

Eu gostaria de fazer alguns comentários sobre a diferença entre a “Revolução Negra” e a “Revolução dos Negros”.⁵ Elas são

5 Malcolm X fazia uma distinção entre o que chamava de “Black Revolution” (Revolução Negra) e “Negro Revolution” (Revolução dos Negros). Esta última se referia à atuação dos grupos de militância negra que pregavam a não violência na luta pelos direitos civis, como era o caso daquele liderado por Martin Luther King Jr. (1929–68). A “Revolução Negra” implicava o conceito de revolução dos nacionalistas

iguais? E, se não são, qual é a diferença? Qual é a diferença entre uma “Revolução Negra” e uma “Revolução dos Negros”? Primeiro, o que é uma revolução? Às vezes, tenho inclinação a acreditar que muitos dos nossos estão usando esta palavra, “revolução”, em vão, sem atentar cuidadosamente para o que essa palavra realmente significa e quais são suas características históricas. Quando você estudar a natureza histórica das revoluções, o motivo de uma revolução, o objetivo de uma revolução, o resultado de uma revolução e os métodos usados em uma revolução, aí pode ser que você troque a palavra. Pode ser que você se envolva em outro programa, que mude de objetivo e mude de ideia.

Veja a Revolução Americana de 1776. Por que aconteceu aquela revolução? Por terra. Por que eles queriam terras? Independência. Como se deu a revolução? Com derramamento de sangue. Motivo número 1: foi baseada na terra, a base da independência. E a única maneira que tinham de conseguir isso era com derramamento de sangue. E a Revolução Francesa, no que se baseou? Os sem-terra contra os latifundiários. E por que aconteceu aquela revolução? Terra. E como conseguiram? Com derramamento de sangue. Foi sem amor nenhum, sem concessão, sem negociação. Estou lhe dizendo: você não sabe o que é uma revolução. Porque, quando você descobrir o que é, vai voltar para o beco, vai sair do caminho.

A Revolução Russa foi baseada em quê? Terra. O sem-terra contra o latifundiário. Como eles resolveram a coisa? Com derramamento de sangue. Não existe revolução que não envolva derramamento de sangue. E você tem medo de sangrar. Eu disse: você tem medo de sangrar!

Quando o homem branco mandou você para a Coreia, você sangrou. Ele mandou você para a Alemanha, e você sangrou. Ele mandou você para o Pacífico Sul para lutar contra os japoneses,

negros e pan-africanistas, como o próprio Malcolm, que se inspiravam nas guerras pela independência nos países africanos e que não se fur-tavam à luta com derramamento de sangue. [N.T.]

e você sangrou. Você sangra pelos brancos, mas, quando se trata de ver suas próprias igrejas sendo bombardeadas e garotinhas negras assassinadas, não tem sangue. Você sangra quando o homem branco diz “sangre”; você morde quando o homem branco diz “morda”; e você late quando o homem branco diz “lata”. Odeio dizer isso sobre nós, mas é verdade. Como você vai ser não violento no Mississippi se foi tão violento na Coreia? Como se pode justificar ser não violento no Mississippi e no Alabama quando suas igrejas estão sendo bombardeadas e suas filhinhas estão sendo assassinadas e, ao mesmo tempo, você vai ser violento contra Hitler, contra Tojo e contra alguém que você nem mesmo conhece?

Se a violência está errada na América, a violência está errada no exterior. Se é errado ser violento defendendo mulheres negras e crianças negras e bebês negros e homens negros, então é errado que a América nos convoque e nos torne violentos no exterior em sua defesa. E, se é certo que a América nos convoque e nos ensine como ser violentos em sua defesa, então é certo que você e eu façamos o que for necessário para defender nosso próprio povo bem aqui, neste país.

A Revolução Chinesa: eles queriam terras. Expulsaram os britânicos, junto com o Pai Tomás⁶ chinês. Sim, expulsaram. Deram um bom exemplo. Quando eu estava na prisão, li um artigo – não fiquem chocados por eu dizer que estive na prisão. Vocês ainda estão na prisão. É isto que a América significa: prisão. Quando eu estava na prisão, li um artigo na revista *Life* mostrando uma garotinha chinesa de nove anos; o pai dela estava ajoelhado, de quatro no chão, e ela puxava o gatilho porque ele era um Pai Tomás chinês. Quando fizeram a revolução lá, pegaram uma geração

⁶ Personagem principal do romance *A cabana do Pai Tomás* (*Uncle Tom's Cabin*), publicado em 1852 pela escritora estadunidense Harriet Beecher Stowe (1811–96), que trata da escravidão nos Estados Unidos. Pai Tomás é o retrato do escravo negro obediente e servil, sofredor, mas fiel ao patrão branco. [N.T.]

inteira de Pais Tomás e simplesmente os exterminaram. E em dez anos aquela garotinha se tornou uma mulher adulta. Basta de Pais Tomás na China. E hoje a China é um dos mais duros, brutais e temidos países do planeta: temido pelo homem branco. Porque não há nenhum Pai Tomás lá.

De todos os nossos estudos, é a história a mais qualificada para confirmar nossas pesquisas. Quando você compreende que tem problemas, tudo o que precisa fazer é verificar o método histórico usado em todo o mundo por outras pessoas que têm problemas semelhantes aos seus. Depois de ver como elas resolveram os delas, você saberá como resolver os seus. Há uma revolução, uma Revolução Negra, acontecendo na África. No Quênia, os Mau-Mau⁷ foram revolucionários; foram eles que trouxeram a palavra “*Uhuru*”⁸ à tona. Os Mau-Mau... eram revolucionários, acreditavam na terra arrasada, tiravam da frente tudo o que estava em seu caminho, e sua revolução também era baseada na terra, numa ânsia por terra. Na Argélia, região norte da África, ocorreu uma revolução. Os argelinos eram revolucionários, queriam terras. A França ofereceu permissão para serem integrados à França. E eles disseram à França: “Que se dane a França”; queriam um tanto de terras, não um tanto da França. E travaram uma batalha sangrenta.

Então, cito essas várias revoluções, irmãos e irmãs, para mostrar a vocês que não existe revolução pacífica. Não existe revolução do tipo “oferecer a outra face”. Não existe revolução não vio-

7 A Revolta dos Mau-Mau (1952–60) foi um movimento revolucionário que aconteceu no contexto da guerra pela independência do Quênia contra o domínio britânico. Teve início como uma luta por terra e contra a concentração fundiária, quando camponeses africanos foram expulsos, por colonos brancos, dos terrenos que cultivavam. A revolta foi encabeçada pelos Mau-Mau, organização clandestina que surgiu entre os Kikuyu, grupo étnico do Quênia. [N.T.]

8 “Liberdade” em suaíli. [N.T.]

lenta. O único tipo de revolução não violenta é a Revolução dos Negros. A única revolução em que o objetivo é amar o inimigo é a Revolução dos Negros. É a única revolução em que o objetivo é um balcão de lanchonete dessegregado, um teatro dessegregado, um parque dessegregado e um banheiro público dessegregado: aquela em que você pode se sentar ao lado dos brancos – no banheiro. Isso não é revolução. A revolução é baseada na terra. A terra é a base de toda independência. A terra é a base da liberdade, da justiça e da igualdade.

O homem branco sabe o que é uma revolução. Sabe que a Revolução Negra tem alcance e natureza mundiais. A Revolução Negra está varrendo a Ásia, está varrendo a África, está se levantando na América Latina. A Revolução Cubana – isso sim é uma revolução. Eles derrubaram o sistema. A revolução está na Ásia, a revolução está na África, e o homem branco está berrando porque vê a revolução na América Latina. Como você acha que ele vai reagir quando você aprender o que é uma verdadeira revolução? Você não sabe o que é uma revolução. Se soubesse, não usaria essa palavra.

A revolução é sangrenta, a revolução é hostil, a revolução não faz concessões, a revolução derruba e destrói tudo o que estiver em seu caminho. E você aqui, sentado, pregado como uma saliência na parede, dizendo: “Vou amar essas pessoas, não importa o quanto elas me odeiem”. Não! Você precisa é de uma revolução. Quem já ouviu falar de uma revolução em que as pessoas se dão as mãos, como disse perfeitamente o pastor Cleage, cantando “We Shall Overcome”?⁹ Não é assim que se faz uma revolução. Você não canta, você está muito ocupado tendo que se virar. Tudo é

9 “Nós venceremos” ou “nós vamos superar”. Canção de protesto surgida durante a greve de mulheres trabalhadoras da American Tobacco (1945–46), cantada por Lucille Simmons, uma das grevistas, com base em hinos religiosos. Em 1963, foi gravada pelo cantor e compositor estadunidense de música *folk* Pete Seeger. Foi adotada por Martin Luther King como lema em vários pronunciamentos públicos. [N.T.]

baseado na terra. Um revolucionário quer terras para fundar sua própria nação, uma nação independente. Aquelas pessoas da “Revolução dos Negros” não estão pedindo nação nenhuma – elas estão é tentando rastejar de volta para a plantação.

Quando você quer uma nação, isso é o que se chama nacionalismo. Quando o homem branco se envolveu em uma revolução neste país contra a Inglaterra, para o que foi? Ele queria esta terra para poder fundar outra nação branca. Isso é nacionalismo branco. A Revolução Americana foi nacionalismo branco. A Revolução Francesa foi nacionalismo branco. A Revolução Russa também – sim, foi –, nacionalismo branco. Você não acha? Por que você acha que Khrushchov e Mao não conseguem entrar em acordo? Nacionalismo branco. Todas as revoluções que estão acontecendo na Ásia e na África hoje são baseadas em quê? Nacionalismo negro. Um revolucionário é um nacionalista negro. Ele quer uma nação. Eu estava lendo algumas palavras lindas do pastor Cleage, em que ele explicava que não conseguia se reunir com ninguém na cidade porque todos tinham medo de ser identificados com o nacionalismo negro. Se você tem medo do nacionalismo negro, tem medo da revolução. E, se você ama a revolução, você ama o nacionalismo negro.

Para entender isso, você precisa voltar ao que o jovem irmão aqui chamou de “negro da casa” e “negro do campo”, dos tempos da escravidão. Havia dois tipos de escravos, o negro da casa e o negro do campo. Os negros da casa moravam na casa com o senhor, vestiam-se muito bem e comiam bem porque comiam as sobras da comida do senhor. Eles moravam no sótão ou no porão, mas, mesmo assim, moravam perto do senhor; e eles amavam o senhor mais do que o senhor amava a si mesmo. Eles dariam a própria vida para proteger a casa do senhor – mais rápido até do que o próprio senhor o faria. Se o senhor dissesse “Temos uma boa casa aqui”, o negro da casa diria “Sim, temos uma boa casa aqui”. Sempre que o senhor dizia “nós”, ele dizia “nós”. É assim que se reconhece um negro da casa.

Se a casa do senhor pegasse fogo, o negro da casa se empenharia mais para debelar o incêndio do que o próprio senhor. Se o senhor adoecesse, o negro da casa diria: “Qual é o problema, patrão, *a gente* tá doente?”. “*A gente*” doente! Ele se identificava com seu senhor mais do que seu senhor se identificava consigo mesmo. E, se você chegasse para o negro da casa e dissesse “Vamos fugir, vamos escapar, vamos nos separar deles”, o negro da casa olharia para você e diria: “Cara, seu louco. O que você quer dizer com nos separar? Onde é que tem uma casa melhor do que esta? Onde vou poder usar roupas melhores do que estas? Onde vou comer comida melhor do que esta?”. Assim era o negro da casa. Naquela época, ele era chamado de o “*nigger*”¹⁰ da casa”. E é assim que também os chamamos hoje, porque ainda temos alguns *niggers* da casa circulando por aqui.

Esse moderno negro da casa ama seu senhor. Quer morar perto dele. É capaz de pagar três vezes mais do que uma casa vale apenas para morar perto de seu senhor e depois se gabar, dizendo: “Eu sou o único negro aqui”; “Eu sou o único no meu trabalho”; “Eu sou o único nesta escola”. Mas ele não passa de um negro da casa. E, se alguém chega até você agora e diz “Vamos nos separar”, você diz a mesma coisa que o negro da casa dizia lá na plantação. “O que você quer dizer com separar? Da América, desse bom homem branco? Onde a gente vai arranjar um emprego melhor do que este aqui?”

10 A palavra “*nigger*”, derivada de “negro”, em português e espanhol, que por sua vez tem origem no latim “*niger*” [negro, escuro], foi transposta para o inglês no contexto escravocrata e, a partir do século XVIII, passou a ser usada por supremacistas brancos em seus ataques física e psicologicamente violentos contra pessoas negras. Devido a esse histórico de racismo e brutalidade, trata-se de um insulto racial altamente ofensivo quando usado por pessoas brancas para se referir a pessoas negras. Atualmente, em inglês, é substituída em alguns contextos pela expressão “*the N-word*” [a palavra com N]. Há diversas palavras de cunho racista e carregadas de violência em português, mas nesta tradução optou-se por manter o termo no original, na forma usada por Malcolm X, como registro de seu contexto histórico e regional. [N.T.]